



## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM EM TERAPIA INTENSIVA

### ANEXO I

#### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO ADULTO (TENTI-AD)

#### **AVALIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM E INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS NO CUIDADO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM RELACIONADA AO:**

##### **1. SISTEMA NEUROLÓGICO**

- 1.1. Avaliação sistema neurológico
- 1.2. Compreensão dos resultados de exames laboratoriais e de imagem
- 1.3. Analgesia, Sedação e Delirium
- 1.4. Monitorização da pressão intracraniana e cálculo da pressão de perfusão cerebral
- 1.5. Cuidados no preparo e administração, efeitos e complicações de agentes farmacológicos
- 1.6. Capacidade de termorregulação ineficaz
- 1.7. Disfunção motora e sensorial e transmissão neuromuscular
- 1.8. Hipertensão intracraniana
- 1.9. Vasoespasmo
- 1.10. Hemorragias intracranianas/intraventricular
- 1.11. Neurocirurgias
- 1.12. AVE isquêmico
- 1.13. Choque neurogênico
- 1.14. Trauma raquimedular
- 1.15. Morte encefálica e manutenção do potencial doador

##### **2. SISTEMA RESPIRATÓRIO**

- 2.1. Avaliação sistema respiratório
- 2.2. Compreensão dos resultados de exames laboratoriais e de imagem
- 2.3. Monitorização relacionada ao sistema respiratório
- 2.4. Distúrbios relacionados às alterações do sistema respiratório
- 2.5. Cuidados no preparo e administração, efeitos e complicações de agentes farmacológicos
- 2.6. Insuficiência respiratória
- 2.7. Ventilação mecânica invasiva e não invasiva e modos de ventilação
- 2.8. Via aérea artificial
- 2.9. Prevenção de infecção associada à ventilação mecânica
- 2.10. Prevenção de complicações relacionadas à ventilação mecânica
- 2.11. Procedimentos terapêuticos relacionados ao sistema
- 2.12. Cirurgias relacionadas ao sistema pulmonar e transplante pulmonar
- 2.13. Suporte de vida extracorpóreo - ECMO

##### **3. SISTEMA CARDIOVASCULAR**

- 3.1. Avaliação do sistema cardiológico
- 3.2. Compreensão dos resultados de exames laboratoriais, eletrocardiográficos e de imagem
- 3.3. Monitorização Hemodinâmica minimamente invasiva
- 3.4. Monitorização hemodinâmica invasiva
- 3.5. Monitorização cardíaca

## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM EM TERAPIA INTENSIVA

- 3.6. Cuidados no preparo e administração, efeitos e complicações de agentes farmacológicos
- 3.7. Choque cardiogênico
- 3.8. Choque hipovolêmico
- 3.9. Síndromes coronarianas agudas: angina instável e infarto do miocárdio
- 3.10. Edema agudo de pulmão
- 3.11. Hipertensão arterial
- 3.12. Tamponamento cardíaco
- 3.13. Cirurgias cardiovasculares e transplante cardíaco
- 3.14. Suporte circulatório mecânico (marcapasso cardíaco, balão intra-aórtico, devices, ECMO, coração artificial)
- 3.15. Ressuscitação cardiopulmonar e atendimento cardiovascular de emergência

### **4. SISTEMA RENAL**

- 4.1. Avaliação do sistema renal
- 4.2. Alterações fisiopatológicas decorrentes de falha do sistema
- 4.3. Compreensão dos resultados de exames laboratoriais
- 4.4. Cuidados durante a administração de fármacos nefrotóxicos
- 4.5. Equilíbrio hídrico, eletrolítico e acidobásico
- 4.6. Injúria renal aguda. Etiologia, diagnóstico, prevenção e tratamento em terapia intensiva
- 4.7. Doença Renal Crônica na terapia intensiva
- 4.8. Indicações, vias de acesso e modalidades de terapia de substituição renal

### **5. SISTEMA DIGESTÓRIO**

- 5.1. Avaliação do sistema digestório
- 5.2. Compreensão dos resultados de exames laboratoriais e imagem
- 5.3. Cuidados específicos e complicações na administração de dieta enteral e parenteral
- 5.4. Alterações relacionadas a distúrbios isquêmicos, inflamatórios e hemorrágicos
- 5.5. Cuidados no preparo e administração, efeitos e complicações de agentes farmacológicos
- 5.6. Cirurgias relacionadas ao sistema digestório
- 5.7. Síndrome compartimental abdominal
- 5.8. Complicações obstrutivas relacionadas ao sistema

### **6. SISTEMA TEGUMENTAR**

- 6.1. Avaliação do sistema tegumentar
- 6.2. Prevenção (escalas de avaliação de risco) e tratamento de lesões de pele no paciente crítico (lesões por pressão e lesões causadas por dispositivos)
- 6.3. Cuidado de enfermagem frente ao processo de higienização do corpo do paciente crítico

### **7. SISTEMA ENDÓCRINO**

- 7.1. Avaliação do sistema endócrino
- 7.2. Compreensão dos resultados de exames laboratoriais
- 7.3. Distúrbios relacionados às alterações do sistema
- 7.4. Cuidados no preparo e administração, efeitos e complicações de agentes farmacológicos
- 7.5. Cirurgias relacionadas ao sistema endócrino

### **8. SISTEMA IMUNOLÓGICO E HEMATOLÓGICO**

- 8.1. Avaliação do sistema imunológico e hematológico
- 8.2. Compreensão dos resultados de exames laboratoriais



## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM EM TERAPIA INTENSIVA

- 8.3. Distúrbios relacionados à alteração dos sistemas hematológico e imunológico
- 8.4. Cuidados no preparo e administração, efeitos e complicações de agentes farmacológicos

### 9. DISFUNÇÕES DE MÚLTIPLOS ÓRGÃOS

- 9.1. Politrauma
- 9.2. Disfunção de múltiplos órgãos
- 9.3. Síndrome da resposta inflamatória sistêmica / Sepsis / Choque séptico
- 9.4. Doenças tropicais na terapia intensiva
- 9.5. Grande queimado

### 10. BIOÉTICA E LEGISLAÇÃO

- 10.1. Dilemas éticos
- 10.2. Cuidados paliativos em UTI
- 10.3. Legislações aplicadas à UTI
- 10.4. Protocolo de morte encefálica na UTI

### 11. GESTÃO, SEGURANÇA E QUALIDADE DA ASSISTÊNCIA EM UTI

- 11.1. Estrutura e organização da UTI
- 11.2. Qualidade, segurança e gestão de risco na UTI
- 11.3. Metas internacionais de segurança do paciente
- 11.4. Segurança na administração de medicamentos
- 11.5. Prevenção de infecções adquiridas, procedimentos invasivos e transmissão cruzada
- 11.6. Prevenção de eventos adversos
- 11.7. Transporte do paciente crítico
- 11.8. Transição do cuidado
- 11.9. Indicadores de qualidade e desempenho
- 11.10. Escores prognósticos de gravidade
- 11.11. Mensuração das necessidades de cuidados do paciente
- 11.12. Dimensionamento do quadro de profissionais
- 11.13. Humanização na UTI
- 11.14. Comunicação da equipe de enfermagem com paciente e família
- 11.15. Cuidado centrado no paciente e família
- 11.16. Educação do paciente e família na UTI
- 11.17. Comunicação da equipe de enfermagem com paciente e família

### RELAÇÃO DE REFERÊNCIAS SUGERIDAS PARA ESTUDO

1. ALMEIDA, MA; LUCENA, AF; FRANZEN, E; LAURENT, MCR. **Processo de enfermagem na prática clínica - estudos clínicos realizados no Hospital de Clínicas de Porto Alegre**; Porto Alegre: Editora Artmed, 2011.
2. AMERICAN HEART ASSOCIATION, Atualização das Diretrizes de RCP e ACE. 2015. Disponível em: <https://eccguidelines.heart.org/wp-content/uploads/2015/10/2015-AHA-Guidelines-Highlights-Portuguese.pdf>. Acesso em: 20/02/2018.
3. BAIRD, MS; BETHEL, S. **Manual de Enfermagem no cuidado crítico - Intervenções em enfermagem e condutas colaborativa**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.



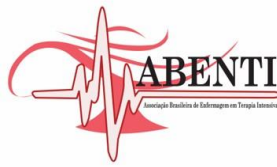
## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM EM TERAPIA INTENSIVA

4. BAITELLO, AL. Atendimento ao paciente vítima de trauma: abordagem para clínico.-1ª ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2017.
5. BARBAS, CSV.et al. Diretrizes Brasileiras de Ventilação Mecânica, 2013. Versão eletrônica-AMIB e SBPT. Associação Brasileira de Terapia Intensiva. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/237544/mod\\_resource/content/1/Consenso%20VM%202013.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/237544/mod_resource/content/1/Consenso%20VM%202013.pdf). acesso em 20/02/2018.
6. BARR, J; FRASER, GL; PUNTILLO, K et al. Clinical Practice Guidelines for the management of pain, agitation, and delirium in adult patients in the intensive care unit. **Crit. Care Med.**, 41:263-306, 2013.
7. BARROS, A.L.B.L. e cols. Anamnese e exame físico: avaliação diagnóstica de enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2016.
8. BIONDO, CA; ARAÚJO, MMT; SILVA, MJP. **Cuidados paliativos em Terapia Intensiva: diretrizes para atenção aos pacientes e familiares sob a ótica da bioética.** In: SILVA, RS; AMARAL, JB; MALAGUTTI, William (Org.). Enfermagem em Cuidados Paliativos: cuidando para uma boa morte. São Paulo: Martinari. Cap. 5, p. 77-95.
9. BRASIL, ANVISA. **Crítérios diagnósticos de infecção relacionados à assistência à saúde. Série: Segurança do paciente e qualidade de serviços de saúde.** Brasília, 2ª edição 2017. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33852/3507912/Caderno+2+-+Crítérios+Diagnósticos+de+Infecção+Relacionada+à+Assistência+à+Saúde/7485b45a-074f-4b34-8868-61f1e5724501>. acesso em 20/02/2018.
10. BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Medidas de Prevenção de Infecção Relacionada à Assistência à Saúde/Agência Nacional de Vigilância Sanitária** – Brasília: Anvisa, 2017. Disponível em <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33852/3507912/Caderno+4+-+Medidas+de+Prevenção+de+Infecção+Relacionada+à+Assistência+à+Saúde/a3f23dfb-2c54-4e64-881c-fccf9220c373>. Acesso em: 20/02/2018.
11. BRASIL. **Documento de referência para o Programa Nacional de Segurança do paciente** Ministério da Saúde; Fundação Oswaldo Cruz; Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: [http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/documento\\_referencia\\_programa\\_nacional\\_seguranca.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/documento_referencia_programa_nacional_seguranca.pdf). Acesso em: 06/04/2018.
12. BRASIL. **Lei 7.498, de junho de 1986. Dispõe sobre a Regulamentação do Exercício da Enfermagem e dá outras providências.** Brasília: Ministério da Saúde, 1986. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7498.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7498.htm). Acesso em 01/04/2018.
13. BRASIL. Ministério da Saúde, ANVISA, Fundação Oswaldo Cruz. **Protocolo higienização das mãos.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: [http://www.hospitalsantalucinda.com.br/downloads/prot\\_higiene\\_das\\_maos.pdf](http://www.hospitalsantalucinda.com.br/downloads/prot_higiene_das_maos.pdf). Acesso em: 05/04/2018.
14. BRASIL. Ministério da Saúde. ANVISA. **Assistência Segura: Uma Reflexão Teórica Aplicada à Prática** – Série: Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde. 2013. Disponível em: [http://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/images/documentos/livros/Livro1-assistencia\\_segura.pdf](http://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/images/documentos/livros/Livro1-assistencia_segura.pdf). Acesso em: 11/04/2018.
15. BRASIL. Ministério da Saúde. ANVISA. **Resolução Nº 137, DE 8 DE FEVEREIRO DE 2017. Altera a Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 7, de 24 de fevereiro de 2010.** Disponível em: [http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/3219514/RDC\\_137\\_2017\\_.pdf/f1b5c939-4c63-4958-9220-08dbcabbc4cf](http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/3219514/RDC_137_2017_.pdf/f1b5c939-4c63-4958-9220-08dbcabbc4cf) Acesso em: 05/04/2018.
16. BRASIL. Ministério da Saúde. ANVISA. **Resolução Nº 26, de 11 de maio de 2012. Altera a Resolução RDC nº. 07, de 24 de fevereiro de 2010, que dispõe sobre os requisitos mínimos para**



## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM EM TERAPIA INTENSIVA

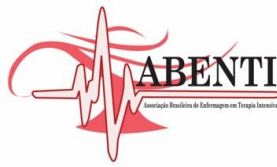
- funcionamento de Unidades de Terapia Intensiva e dá outras providências.** MS, 2010. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2012/rdc0026\\_11\\_05\\_2012.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2012/rdc0026_11_05_2012.html). Acesso em: 01/04/2018.
17. BRASIL. Ministério da Saúde. ANVISA. **RESOLUÇÃO Nº 7, DE 24 DE FEVEREIRO DE 2010. Dispõe sobre os requisitos mínimos para funcionamento de Unidades de Terapia Intensiva e dá outras providências.**MS, 2010. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/res0007\\_24\\_02\\_2010.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/res0007_24_02_2010.html). Acesso em: 01/04/2018.
  18. BRASIL. Ministério da Saúde. **Febre Amarela: Guia para profissionais de saúde.** Brasília. Distrito federal, 2017. Disponível em: [bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/febre\\_amarela\\_guia\\_profissionais\\_saude.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/febre_amarela_guia_profissionais_saude.pdf). Acesso em: 20/02/2018
  19. BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2616, de 12 de maio de 1998 dispõe sobre o **Programa de Controle de Infecções Hospitalares.** Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt2616\\_12\\_05\\_1998.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt2616_12_05_1998.html). Acesso em 10/05/2016.
  20. BRASIL. Ministério da Saúde. **PORTARIA Nº 895, DE 31 DE MARÇO DE 2017. Institui o cuidado progressivo ao paciente crítico ou grave com os critérios de elegibilidade para admissão e alta, de classificação e de habilitação de leitos de Terapia Intensiva adulto, pediátrico, UCO, queimados e Cuidados Intermediários adulto e pediátrico no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS.** 2017. [http://www.sgas.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/105/2016/08/Portaria\\_895\\_2017\\_UTI\\_UCO.pdf](http://www.sgas.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/105/2016/08/Portaria_895_2017_UTI_UCO.pdf). Acesso em 20/04/2018.
  21. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde, Departamento de atenção especializada. **Manual de rotinas para atenção ao AVC.** Brasília: Ministério da Saúde. 2013. Disponível em: [bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_rotinas\\_para\\_atencao\\_avc.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_rotinas_para_atencao_avc.pdf) \_\_ Acesso em: 06/04/2018.
  22. CDC. **Guidelines for the prevention of intravascular catheter-related infections.** CDC. 2011. Disponível em: <https://www.cdc.gov/hai/pdfs/bsi-guidelines-2011.pdf>. Acesso em: 02/04/2018.
  23. CHULAY, M.; BURNS, S. **Fundamentos de enfermagem em cuidados críticos da AACN.** 2ª ed. Porto Alegre: ARTMED/ McGraw-Hill, 2012.
  24. CONNOLLY JR, E. Sander et al. Guidelines for the Management of Aneurysmal Subarachnoid Hemorrhage: A Guideline for Healthcare Professionals from the American Heart Association/American Stroke Association. **AHA Journals.** Disponível em: <https://stroke.ahajournals.org/content/early/2012/05/03/STR.0b013e3182587839.full.pdf>. Acesso em: 06/04/2018.
  25. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **RESOLUÇÃO COFEN 543/2017. Atualiza e estabelece parâmetros para o Dimensionamento do Quadro de Profissionais de Enfermagem nos serviços/locais em que são realizadas atividades de enfermagem.** Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-5432017\\_51440.html](http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-5432017_51440.html). Acesso em: 20/04/2018.
  26. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **RESOLUÇÃO COFEN Nº 0564/2017. Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem.** Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-5642017\\_59145.html](http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-5642017_59145.html). Acesso em 20/04/2018.
  27. CUNHA, Carlos Leonardo Figueiredo. **Interpretação de exames laboratoriais na prática do enfermeiro.** Rio de Janeiro: Rubio, 2014.
  28. DAUGIRDAS, J.T.; BLAKE, P.G.; ING. T. S. **Manual de diálise.** 5ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.
  29. DICCINI Solange, RIBEIRO Rennan Martins. **Enfermagem em Neurointensivismo.** 1ed. São Paulo:



## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM EM TERAPIA INTENSIVA

Editora Atheneu, 2017.

30. HOMSI, E.; PALOMBA, H. **Injúria renal aguda no paciente crítico**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2010.
31. KALIL, Andre C. Et al. Management of Adults with Hospital-acquired and Ventilator-associated Pneumonia: 2016 Clinical Practice Guidelines by the Infectious Diseases Society of America and the American Thoracic Society. **Clin. Infect. Dis.**, 63(5): e61-e111, 2016.
32. KNOBEL, Elias. **Condutas no paciente grave**. 4ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2016.
33. KNOBEL, Elias. Monitorização hemodinâmica no paciente grave. 1ed. São Paulo. Editora: Atheneu, 2013.
34. LISBOA, Thiago et al. Diretrizes para o manejo do tétano acidental em pacientes adultos. **RBTI**, 23(4):394-409, 2011.
35. MACHADO FR, et al, Sepsis 3 from the perspective of clinicians and quality improvement initiatives, **Journal of Critical Care** (2017), <http://dx.doi.org/10.1016/j.jcrc.2017.04.037>. Acesso em 27/02/2018.
36. MACHADO, FR et al. Chegando a um consenso: vantagens e desvantagens do Sepsis 3 considerando países de recursos limitados. **RBTI**, 28(4):361-365, 2016.
37. MANFREDINI, GMSG.; MACHADO, RC; MANTOVANI R. Posição prona na síndrome do desconforto respiratório agudo: assistência de enfermagem. **Rev. Enferm. UFPE on line**, Recife, v.7, n. 8; p. 5288-97, 2013.
38. MARQUIS, BL.; HUSTON, CJ. **Administração e liderança em enfermagem: teoria e prática**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.
39. MIRANDA DR, NAP R, RIJK, MA, SCHAUFELI W, IAPICHINO G. Nursing activities score. **Crit Care Med** 2003; 31:374 –382.
40. MORITZ, Rachel Duarte. **Cuidados Paliativos nas Unidades de Terapia Intensiva**. São Paulo: Atheneu, 2012.
41. NANDA Internacional. **Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definições e classificação – 2015 – 2017**. Porto Alegre: Artmed, 2015.
42. OLIVEIRA, Reynaldo Gomes. **Blackbook Enfermagem**. Belo Horizonte: Blackbook Editora, 2016.
43. PADILHA, KG et al. Nursing activities score: manual atualizado para aplicação em Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. esc. enferm. USP** vol.49 no.spe São Paulo Dec. 2015.
44. PADILHA, KG.; VATTIMO, MFF.; SILVA, SC; KIMURA, M. **Enfermagem em UTI: cuidando do paciente crítico**. São Paulo: Manole; 2010.
45. PEREIRA, B.M.T.; FRAGA G.P. Síndrome compartimental abdominal. **PROACI**. 2013;9(2):57-77. Disponível em: <http://cirurgiaunisa.com.br/assets/proaci--s%C3%ADndrome-compartimental.pdf> Acesso em 23/02/2018.
46. PIEGAS, LS et al. V Diretriz da Sociedade Brasileira de Cardiologia sobre Tratamento do Infarto Agudo do Miocárdio com Supradesnível do Segmento ST. Disponível em: [http://publicacoes.cardiol.br/2014/diretrizes/2015/02\\_TRATAMENTO%20DO%20IAM%20COM%20UPRADESNIVEL%20DO%20SEGMENTO%20ST.pdf](http://publicacoes.cardiol.br/2014/diretrizes/2015/02_TRATAMENTO%20DO%20IAM%20COM%20UPRADESNIVEL%20DO%20SEGMENTO%20ST.pdf). Acesso em: 27/02/2018.
47. PONTES-NETO, OM et al. Diretrizes brasileiras para o tratamento endovascular de pacientes com acidente vascular cerebral isquêmico agudo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anp/v75n1/0004-282X-anp-75-01-0050.pdf>. 2016. Acesso em: 27/02/2018.
48. REZENDE E, MENDES CL, REA-NETO A et al. Consenso Brasileiro de Monitorização e Suporte



## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM EM TERAPIA INTENSIVA

Hemodinâmico – Parte V: Suporte Hemodinâmico. Disponível em: <http://www.amib.org.br/fileadmin/ConsensoMonitorizacaoSuporteHemodinamico.pdf> . Acesso em 20/02/2018.

49. ROMANO, ED, et al. Guia de Pós Operatório de Cirurgia Cardíaca. Manual de condutas e rotinas de Pós Operatório de Cirurgia cardíaca do Hospital do Coração-HCOR. São Paulo, editora : Atheneu, 2014.
50. SANTANA, JCB; MELO, CL; DUTRA, BS. **Monitorização invasiva e não invasiva – Fundamentação para o cuidado**. São Paulo: Atheneu, 2013.
51. SINGER M, et al. The third international consensus definitions for sepsis and septic shock (Sepsis-3). **JAMA** 2016;315(8):801–10.
52. SOUZA, Paulo Cesar Pereira de; LEITE, Ciro Mendes; KNIBEL, Marcos Freitas. Séries Clínicas de Medicina Intensiva Brasileira: **Gestão, Qualidade e Segurança em UTI**. São Paulo: Editora Atheneu, 2013.
53. TANNURE MC, PINHEIRO AM. **SAE: Sistematização da Assistência de Enfermagem: Guia Prático**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 9-156p.
54. VASCONCELOS, R.; ROMANO, MLP.; GUIMARÃES, HP. **Ventilação mecânica para enfermeiros**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2017.
55. VIANA, R.A.P.P (Org.). **Enfermagem em terapia intensiva**. Práticas baseadas em evidências. São Paulo: Atheneu, 2011.
56. VIANA, RAPP, MACHADO, FR, SOUZA, JLA. **Sepse, um problema de saúde pública: a atuação e colaboração da enfermagem na rápida identificação e tratamento da doença**. São Paulo: COREN-SP, 2017. Disponível em: <http://www.ilas.org.br/assets/arquivos/ferramentas/livro-sepse-um-problema-de-saude-publica-coren-ilas.pdf> . Acesso em: 05/05/2017.
57. VIANA, RAPP, TORRE M. **Enfermagem em Terapia Intensiva: práticas integrativas**. São Paulo: Manole, 2017.
58. VIANA, RAPP; WHITAKER, IY (Orgs.). **Enfermagem em terapia intensiva**. Práticas e vivências. Porto Alegre: Artmed, 2011.
59. VIEIRA, DF; PADILHA, KG; NOGUEIRA, LS. **Manual do Nursing Activities Score**. Revista Sul-Brasileira de Enfermagem. 2016,Ano5, n º 21.
60. WATCHER, RM. **Compreendendo a Segurança do Paciente**. 2ª ed. Porto Alegre: ARTMED/ MCGraw-Hill, 2013.
61. WESTPHAL, GA et al. Diretrizes para avaliação e validação do potencial doador de órgãos em morte encefálica. **RBTI**, 28(3):220-255, 2016;
62. WESTPHAL, GA et al. Diretrizes para manutenção de múltiplos órgãos no potencial doador adulto falecido. Parte I. Aspectos gerais e suporte hemodinâmico. **RBTI**, 23(3):255, 2011.
63. WESTPHAL, GA et al. Diretrizes para manutenção de múltiplos órgãos no potencial doador adulto falecido. Parte II. Ventilação mecânica, controle endócrino metabólico e aspectos hematológicos e infecciosos. **RBTI**, 23(3):269, 2011.
64. WESTPHAL, GA et al. Diretrizes para manutenção de múltiplos órgãos no potencial doador adulto falecido. Parte III. Recomendações órgãos específicas. **RBTI**, 23(4):410, 2011;



**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM EM TERAPIA INTENSIVA**